

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 18 de dezembro

«Fallai em tudo verdades
«A quem em tudo as deveis.

N'estas horas solemnes e tremendas, n'estes momentos criticos em que se decide a sorte das nações, n'estas crises assustadoras em que ninguém sabe o que será no dia de amanhã é preciso ser franco e leal, é preciso fallar como se estivessemos na presença de Deus a dar-lhe contas de todos os nossos pensamentos e acções.

Portugal está retalhado em bandos—aquí aclama-se o governo de Lisboa, ali a carta e rainha, acolá o proscripto d'Italia. O governo de Lisboa representa uma facção insignificante, de vassa e perdida; a junta do Porto representa o paiz em massa, todas as suas illustrações a reunião das diversas classes, a collecção de todos os grandes interesses; D. Miguel representa o cadaver do velho despotismo com a opa rota e ensanguentada, erguendo-se a custo do seu tumulto, e agarrando-se á lousa que lhe vae para sempre servir de campá.

O paiz aclama carta e rainha—e a rainha exauthora o paiz. A rainha? não dizemos bem—a côrte. Respeitemos as ficções, mas lembrem-se que são ficções sómente. A ficção não é a verdade. E essa côrte, esse ministerio que exauthora o paiz, que manda fusilar os cidadãos que proclamam rainha e carta, esse exercito que se gloria de ter á sua frente um Gotha, os filhos da rainha, os descendentes dos reis, que demonstração de desagrado, que signal de malquerença dão elles contra os que exauthoram a dynastia e as instituições, contra os que proclamam D. Miguel?

Nenhum! A côrte imbecil, o ministerio corrupto compromettem o throno e a liberdade. Um valido stulto, um allemão abjecto tem mais consideração que todo um povo. O sangue corre a jorros, e o valido triumphá, e a côrte applaude; applaude sim, e applaude a sua mor-

te! Como Isaac leva ás costas o feixe de lenha para o seu proprio sacrificio.

O throno da rainha só póde ser sustentado pelos liberaes: a sua corôa é condicional, segundo a carta. A um throno despotico o direito de D. Miguel é melhor.

Nós acclamando rainha e carta combatemos os miguelistas:—as tropas do commandante em chefe incitam esses miguelistas contra nós! O governo occulta os levantamentos d'elles, a imprensa ministerial exalta os triumphos que elles obtêm!

Cumpra que o ministerio defina a sua posição. A nossa está definida.

No paiz o governo não conta adherentes: a folha official denuncia todos os dias esta verdade—não falla senão na desaparição das forças populares, aonde chega uma farda, aonde apparece um soldado!

Pois a popularidade avalia-se pelo numero das fardas? E' constitucional o governo, que tem só o apóio dos soldados? Em que conta tendes os cidadãos, a massa do povo, tantos caracteres illustres? Respondei homens insipientes.

O poder moderador impassivel no meio da tormenta dorme, passeia, diverte-se. O caso é que o valido esteja contente, que o Saldanha mate os campinos, embora o povo chore.

A côrte emballa a rainha com o tractado da quadrupla-alliança, e ei-los ahi descansados sobre a sua sorte futura.

Illusão e deshonra é essa esperança! Illusão, porque o tractado morreu apenas se conseguiu o fim especialissimo, para que se contractara; deshonra, porque a é, e grande, quererem que a rainha reine por graça dos alliados! Risquem então dos diplomas a frase:—*rainha por graça de Deus e da constituição*—e substituam-lhe—*por graça dos alliados, e vontade dos estrangeiros!*

Não, não será assim. O governo pertence á maioria; esta é liberal, e ainda que exauthorada rejeitará auxilio estrangeiro, esmagará o des-

potismo de ambas as facções—miguelista e palaciana—e plantará a bandeira da rainha e carta nos castellos de todas as cidades, nas ameias de todas as muralhas, nos torreões de todas as aldeias.

Grave responsabilidade pésa sobre a côrte, se não atalha os males imminentes.

Não é só nomeado o Saldanha logar-tenente nas provincias do norte, nem o Shwalback e Salazar Moscoso commandante das divisões militares do Alemtejo e Algarve, que se salva o paiz. Estas nomeações tocam o ridiculo, e um governo deve ser sizudo. Estes cavalheiros são bispos *in partibus infidelium*. Se forem aos seus bispados vêm de lá sem orelhas.

A unica resolução proficua, e que póde salvar o throno e as instituições é a demissão prompta do ministerio, que deve entrar em processo pelos crimes que tem commettido.

A rainha vê o estado do paiz—deve vê-lo. A resistencia popular é immensa, e este clamor geral não é obra das facções, é o sentimento verdadeiro do povo, é a expressão da sua vontade, a manifestação de grandes necessidades que devem sersatisfeitas.

Todos os systemas devem ser logicos, porque a logica é a verdade—é a geometria das idéas.

O rei constitucional é inviolavel, é irresponsavel. D'aqui parece deduzir-se, que não deve vêr senão pelos olhos dos seus ministros responsaveis.

Admittimos a doutrina. S. M. a sr.^a D. Maria II já a admittiu. Quando o sr. José da Silva Carvalho em 1844 foi levar á sua real presença a representação do supremo tribunal de justiça, a rainha constitucional recusou-se a ouvir uma queixa contra os seus ministros sem vir por mão d'elles mesmos.

Na monarchia constitucional os ministros não é necessario que sejam empurrados; faltando-lhes a maioria parlamentar, elles demittem-se,—o rei tem um thermometro seguro que o guie.

Mas esta doutrina pura foi agora menosprezada! Com pesar nosso o dizemos. A proclamação de 6 de outubro começa por estas significativas palavras:

«Portuguezes! Os clamores que de toda a parte subiam quotidianamente ao meu throno, «enchiam o meu coração da mais pungente dor: «os desvelos e meditações de todos os meus «instantes eram consagrados ao estabelecimento da prosperidade publica, tão violentamente «abalada.»

Por onde subiram estes clamores ao throno da rainha? Não foi de certo por via dos seus conselheiros responsaveis. A via legal desprezou-se, e ouviram-se os queixumes, as intrigas da camarilha.

Então não havia guerra civil, o canhão não despertava a attenção da rainha, e o seu coração cheio n'essa epoca de uma dôr pungente to-

lera agora impassivel uma administração, cuja existencia fez levantar contra si um paiz inteiro, como ainda não houve memoria?

Ou a proclamação é uma mentira, porque se diz n'ella que os olhos da rainha viram o que não podiam vêr, o que não existia, ou agora devem vêr os males, que pesam sobre a patria. Se em 6 d'outubro não viu pelos olhos dos seus ministros, se viu o contrario do que elles viam, não veja agora pelos d'estes, e collocada no cimo da montanha allumie com um raio de paz este povo afflicto.

Não ha representação nacional para que apelar, mas ha na falta d'ella os proprios constituintes. A realeza não tem, não deve ter paixões; a realeza, na linguagem de Mirabeau, é a oblação de uma familia á tranquillidade publica: tudo deve ser livre no estado menos essa familia.

Para o rei ser irresponsavel é necessario que não faça o mal. A côrte tem obrigado a rainha a destituir sempre violentamente e contra os principios as administrações populares, e allega depois a observancia dos principios para fugir á responsabilidade. O contracto é sinallagmatico, e quem o rompe n'uma parte, quem rejeita as disposições onerosas, não póde exigir o cumprimento das favoraveis. A realeza não póde acceitar a herança a beneficio de inventario.

A logica, a humanidade, os precedentes pedem pois uma mudança de administração. E' preciso haver um exemplo, de que a prerogativa se exerce uma vez sequer a favor do povo, e de que nem sempre as revoluções populares têm de destruir as intrigas do palacio.

O povo respeita a rainha, respeita o throno, mas engana a rainha, e é inimigo do throno quem conclue d'ahi que declarando-se a rainha em coacção, a sua corôa está segura. Illude-se S. M. se pensa que á sombra d'essa ficção póde deixar impunemente fulminar o povo, e estabelecer o governo pessoal. Não deixe que abusem d'este sentimento de respeito, não castigue o timbre da lealdade, porque no momento da desesperação os seus servidores mais fieis não poderão reprimir o sentimento de indignação de um paiz inteiro tão atrozmente ludibriado.

A verdade é esta: ouça quem a quizer ouvir, interpretem os nossos sentimentos como lhes aprouver interpreta-los.

O *Diario* d'hoje diz que lhe consta achar-se o barão do Casal proximo dos muros da cidade do Porto, e que o general tinha tomado todas as disposições para atacar a cidade.

No dia 8 achavam-se aquellas forças em Vallongo, e ainda até ante-hontem se não tinham resolvido a dar o ataque.

As forças reunidas do Casal são mil e quatrocentos homens

As linhas do Porto no dia 9 estavam fortes

salvação publica dezimava a França e cobria o solo dos seus espiões e dos seus carrascos; viviamos sob o regimen de liberdade adiada quando o partido jacobino punia com a morte uma palavra ou um gesto suspeito!... Censurando o golpe de estado da rainha não defendemos a revolução que e precedera. Censuramos, lamentamos profundamente o meio de que a rainha se servira para resistir á revolução. Diz-se que a rainha tinha por si a carta e o direito, e comtudo preferiu oppor a illegalidade á illegalidade, a violencia á violencia. Que vantagem terão os governos sobre os partidos senão respeitam mais que elles as leis e a justiça? Pela nossa parte não podemos ver uma monarchia constitucional n'um paiz, aonde por um simples decreto da rainha a constituição é suspensa. Entre os radicaes que (segundo o correspondente) começaram por violar a carta em algumas das suas disposições e a rainha que suspende a carta inteira, onde está o direito?»

Eis-ahi como fóra o paiz foi avaliado pelo partido doutrinario esse pertendido direito, essa prerogativa da corôa. Não citamos a opinião das folhas progressistas que tratam o marechal Saldanha com mais severidade, attribuindo á alteração das suas faculdades mentaes o passo errado que dera (*c'est fou*—diz o *Courrier Français*) porque presamos mais o testemunho dos correligionarios politicos da camarilha.

D'esta avaliação resultaram diversas consequencias para o paiz, que n'este artigo não podemos mencionar. No seguinte numero fallaremos.

E com isto respondemos a esse *Diario* idiota e pedante que ousa accusar nos de desconhecermos os principios constitucionaes. Temos por nós a opinião dos órgãos sensatos de todos os gabinetes aonde se presam a doutrina e os principios.

Circulavam hontem varias noticias na cidade.

Dizia-se que o duque de Saldanha tinha mandado sahir para a retaguarda parte da sua infantaria, e que tinha avançado com a cavalaria.—Que o marechal do exercito conde das Antas sabedor d'este movimento tinha tomado as disposições convenientes.—Que o conde do Bomfim se achava com uma forte divisão no Cercal, cortando já a retaguarda do duque de Saldanha.

Os coripheos do cabralismo andam hoje desorientados: até já fallam e pedem convenção. A miseria chega ao ultimo ponto.

Houve hoje reunião de ministros e de outras pessoas em casa do Sousa Azevedo. A pallidez da morte estava pintada no rosto dos que entravam e saiam. Consta que houvera um berreiro infernal e que todos se reputavam perdi-

dos. Ninguem queria as honras da conspiração de 6 de Outubro, e accusavam o Saldanha de paparrotão—diziam até que se vendera!

O remedio é facil—é mandar o Joãosinho e o marquez de Fronteira escalar Santarem, mas depois de jantados, que é quando arrotam mais.

As prisões para soldado teem continuado com fervor estes dias para se mostrar como os defensores do ministerio são espontaneos.

A deserção para as forças populares é immensa.

O imperio da tyrannia está a expirar.

Á ULTIMA HORA.

Vão os batalhões para as linhas, segundo dizem.

Os atacantes vão ser atacados.

NOTICIAS DO EXERCITO.

Escrevem-nos de Santarem em 18 do corrente o seguinte:

«A columna do tenente general conde de Bomfim devia sahir hoje das Caldas para Torres Vedras, aonde no dia 17 tinha já pernoitado o bravo D. Fernando, conde de Villa Real, com as forças de seu commando, compostas dos batalhões de Torres, Caldas, e Alcobaça, que sós, por si, haviam repellido d'Ourem a columna do coronel Lapa.

O conde de Villa Real segue para Cintra.

Saldanha tem as suas forças concentradas no Cartaxo, Casal do Ouro, Valle, e Povia da Izenta; tendo reunidos e apenados, em Villa Nova, todos os barcos, em alguns dos quaes já estão embarcadas munições, bagagens, e provisões!

Vimos uma carta de Samóra pela qual somos informados ter chegado alli uma força popular de infantaria, e tres peças de artilheria. Esta carta tem a data de 15 do corrente.

Por noticias do Porto, do dia 16, sabe-se que o Casal se conservava a uma legua d'aquella cidade, tendo a sua direita em Lessa, e a esquerda sobre a estrada de Braga.—Tinham havido algum tiroteio, e muito havia custado a conter os defensores do Porto, que ardiam por se precipitarem sobre o inimigo.

Da *Estrella do Norte*, periodico do Porto, de 15 do corrente, copiamos o seguinte:

«Recresce cada vez mais, se é possivel, o entusiasmo dos bravos denodados defensores

do Porto. O frio intenso, a neve, a chuva, nada é capaz de os affastar do logar de honra que lhes foi destinado.

Hontem, se bem informados somos, uma duzia de nossos bravos, não podendo já suster seu ardôr, poude escapar-se das trincheiras, e apesar do pessimo tempo, foi desafiar o piquete inimigo postado na direcção do reducto das Medalhas e do de S. Paulo. Parece que o piquete inimigo retirára, não sem alguma perda, produzindo grande alarme entre as facciosas e illudidas forças cabralinas, cujo quartel general é junto da ponte de Lessa do Ballio.—Os nossos recolheram incolumes e contentes.

De hora para hora augmentam nossas forças. Ainda hontem entrou n'esta cidade mais outro destacamento de mancebos, que voluntariamente veem armar-se para combaterem os facciosos do Casal. São do districto da Guarda, que em verdade teem mostrado um patriotismo superior a todo o elogio.

Deve tambem hoje entrar em nossos muros uma companhia de cavallaria procedente da cidade de Coimbra.

Desta sorte dentro em poucos dias estarão completamente preenchidas as fileiras do novo regimento de cavallaria do Porto.

Cesse tudo o que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta.

Um dos dias passados houve um brodio na bibliotheca. Não nos importa o brodio, mas importa muito á nação o que os beduinos lá fizeram.

O camartello trabalhou dias antes n'aquellas paredes que até o proprio despotismo respeitára, o machado deitou abaixo portas, cuja construcção custára grandes sommas de dinheiro. Foi a invasão dos barbaros no templo das sciencias.

O commandante em chefe apresentou-se alli como para ser testemunha d'esta devastação, e teve olhos para vêr sem indignação assim profanado um edificio tão respeitavel. Parece que estes senhores se consideram como os rendeiros, que tiram da terra n'um anno o maior rendi-

mento possivel sem lhes importar a ruina da propriedade, que no anno seguinte querem deixar a seu dono.

O caso até aqui é sério, e nós deixamos ao publico a avaliação d'um prejuizo, que monta a alguns contos de réis para encher a barriga a quatro sujeitinhos, que bem podiam enfrascar se em sua casa, ou aonde não fizessem mal.

Não fallamos já na profusão do banquete. Entre todas as iguarias avultavam os borrachos.

Tambem não faremos especial menção das reverendissimas que fizeram um ao outro Marquez de Fronteira e o sr. José Castilho—foi a historia dos dois leigos, que disputavam entre si qual delles era mais asno.

O que nos arrebatou o que nos extasia é o speech do Joãozinho do peixe. Eil-o ahi copiado do *Diario*:

«O coronel commandante do 2.º batalhão de atiradores, o sr. commendador João Antonio de Almeida, agradeceu este brinde como commandante mais antigo dos batalhões assegurando a decisão e firmeza que o sr. commandante geral reconhecia nos batalhões nacionaes, que eram em grande parte compostos dos que já tinham pelejado, sempre com victoria, na guerra contra a usurpação; que eram muito respeitadas pelos habitantes de Lisboa, e temidos dos revolucionarios que teem deshonorado esta capital: que todos estavam promptos a marchar até onde a honra militar os demandasse; «que se fosse mister o seu «contingente para ir escalar os muros de Santarem, todos queriam ser escolhidos» levando á sua frente o nobre e valente marquez.»

Então? Não é nosso Joãozinho um perfeito *Escala-muralhas*, e não fica Santarem um verdadeiro *Escalado*?

Este brinde acha-se no *Diario* de 18 do corrente, pag. 2, col. 4.ª Tomamos estas precauções, porque do contrario ninguem o creria.

Ora nós acreditamos que isto foi um chasco do Joãozinho ao duque de Saldanha, querendo talvez insinuar que elle era capaz de fazer, assim parvo como é, o que não tem feito o illustro marechal da prophécia do sr. D. Carlos.

Quem sabe?